

Aspectos Fitossanitários nas Culturas do Bairro Rural “Tabarana”, Município de Monte Alto, SP. ¹David de Souza Cruz, ²Marli de Fátima Stradioto Papa, ³Antonio Carlos de Camargo Victorio, ³Gilberto da Rocha Leão. ¹Discente Agronomia. ²Docente Departamento de Fitossanidade, Engenharia Rural e Solos – Faculdade de Engenharia - Campus de Ilha Solteira/UNESP. ³ CATI - Monte Alto, SP.

A cidade de Monte Alto localiza-se na região norte do Estado de São Paulo, a 21° 10' de latitude Sul, 48° 33' de longitude Oeste e a 735 metros de altitude, tem como municípios limítrofes às cidades de Taiaçu e Taiuva ao norte, Taquaritinga ao sul, Jaboticabal ao leste, Fernando Prestes, Cândido Rodrigues, Vista Alegre do Alto e Ariranha a Oeste, possui área total de 311 km² e área agrícola em torno de 28.959,40 ha, correspondente a mais de 93% do território municipal, sendo a microbacia Córrego da Tabarana, um de seus bairros rurais, com predomínio das culturas de limão, goiaba, manga e cebola.

Os defensivos agrícolas são substâncias que, apesar de serem cada vez mais utilizadas na agricultura, podem oferecer perigo para o homem, dependendo da toxicidade, do grau de contaminação e do tempo de exposição durante sua aplicação.

No presente trabalho foi realizado um levantamento acerca da percepção de risco e das práticas de uso dos agrotóxicos, em 20 propriedades rurais na microbacia do Córrego da Tabarana, no município de Monte Alto-SP. A metodologia aplicada foi baseada em entrevistas realizadas nos meses de janeiro e fevereiro de 2006. As visitas ao campo ocorreram na companhia do pessoal da CATI (Coordenadoria de Assistência Técnica Integral) situada no município de Monte Alto-SP.

O questionário aplicado aos produtores teve vinte perguntas diretas e com alternativas, objetivando orientar e classificar as repostas do entrevistado. O questionário foi dividido em cinco categorias: Saúde (quatro questões); Aplicação (oito questões); Embalagens (três questões); Pragas e doenças (seis questões). Foi utilizado folder de doenças e pragas das culturas ali ocorridas produzidas, a fim de auxiliar o produtor na identificação fitossanitária. Outras questões levantadas foram obtidas junto aos técnicos agrícolas e engenheiro agrônomo da CATI-Monte Alto.

A duração das entrevistas variou de acordo com os agricultores, de vinte minutos até uma hora. Algumas visitas foram feitas acompanhadas pelo engenheiro-agrônomo, outras foram com a presença de técnico-agrícola e aproveitando as visitas destes ao local.

As propriedades visitadas tinham entre 9.6 ha. a 42.4 ha., e se caracterizavam por uso de mão-de-obra exclusivamente familiar.

Durante as visitas às propriedades, o critério de escolha dos informantes foi aleatório não importando o sexo, mas um representante, um agricultor, que se dispusesse a responder o questionário, no momento da entrevista, sobre a prática de uso dos agrotóxicos.

As propriedades visitadas apresentaram duas ou mais culturas exploradas em sua área, sendo a cultura da cebola (80%) com maior representatividade por ser a região grande produtora desta olerícola, em seguida a cultura da manga (60%), a goiaba (45%) e por fim a cultura do limão (45%).

Analisando e tabulando os dados dos questionários aplicados aos entrevistados observou-se que 15% tiveram, 15% não tiveram, e 70% às vezes tiveram ou apresentaram algum mal estar após a aplicação de defensivo agrícola.

Quanto à enfermidade e/ou toxidez em virtude do trabalho, 20% apresentaram, 50% não apresentaram e 30% às vezes apresentou. Os sintomas mais comuns mencionados pelos agricultores ao se intoxicarem são: tontura, dor de cabeça, dor no corpo e visão turva.

Os acidentes durante o processo de pulverização, 10% tiveram, 80% não tiveram e 20% às vezes tiveram algum acidente no momento ou após aplicação de defensivo na lavoura.

Em entrevista, todos disseram não necessitar de assistência médica após a jornada de trabalho.

Analisando o perfil dos entrevistados, verificou-se que quanto ao uso de agroquímicos todos o usam com frequência, e dão preferência por produtos de faixa azul e amarela, embora nem todos soubessem o significado das cores.

Quanto ao uso de equipamentos de proteção individual, 80% dos entrevistados faz uso dos equipamentos usualmente e 20% nunca usam.

Os dados indicaram que 40% dos entrevistados seguiam a indicação do produto e calculavam a quantidade utilizada do produto de acordo com o rótulo, 20% eram orientados no cálculo pelo agrônomo e os demais não responderam.

Em relação à frequência da aplicação dos agrotóxicos, 35% disseram que aplicavam toda semana e 25% aplicavam duas vezes ao mês. Quanto ao horário de aplicação, a maioria (60%) revelou fazer de preferência no período matutino, outros 40% aplicavam em período indeterminado do dia. Em relação às condições do tempo, todos os agricultores entrevistados tinham o critério de só pulverizar as plantações com agrotóxicos se o tempo estivesse bom; em caso de chuva ou muito vento, eles preferiam evitar a aplicação do produto.

Todos informaram não ter dificuldade em entender a recomendação do técnico, como a tecnologia de aplicação, preparo da calda, e cuidados.

Após a aplicação dos agrotóxicos, 45% desses trabalhadores rurais tomavam banho, 20% só mudavam de roupa, 15% disseram que tomavam um copo de leite e 20% não tomavam cuidados nenhum.

Questionados sobre a realização de aplicação do(s) produto(s), 85% responderam fazê-lo seguindo um calendário, e 15% responderam fazê-lo baseado no reconhecimento do problema (praga, doença, planta daninha).

Quanto ao destino das embalagens, 50% dos agricultores o fazia em local separado; 20% colocavam o produto junto com outros materiais, 30% não responderam.

Dos entrevistados, 55% liam os rótulos do produto e 45% não liam. Dentre os que não liam os rótulos, não liam em virtude de não saber ler, não achavam importante, não enxergavam a letra.

Em relação a utilização de rotação de grupos químicos, todos disseram fazê-la, apesar de não entenderem a questão, necessitando de maiores explicações sobre o objetivo da pergunta.

Quanto às técnicas adequadas para serem empregadas na cultura como adubação, reconhecimento de pragas e doenças, bem como o seu respectivo controle sobre a cultura produzida na área, todos sem exceção informaram conhecer e trocam informação com vizinhos do bairro rural.

Dos que conheciam outro método de controle de pragas, 85% dos entrevistados disseram que utilizavam a rotação de cultura como uma prática de redução do uso de agrotóxicos, e 15% preferiram não responder.

Indagados sobre a(s) principal(ais) doenças ocorridas na área com maior incidência no ano agrícola de 2005/2006, foi relatado na cultura da manga a antracnose, bacteriose e oídio. Na cultura da goiaba foi relatado a ferrugem e a bacteriose. Na cultura da cebola a maior frequência foi segundo os entrevistados mancha púrpura e queima das pontas. Quanto às pragas ocorridas na cultura da manga foram a cochonilha e mosca-das-frutas. Na cultura da goiaba foi relatado o percevejo, o besouro amarelo, o gorgulho, a mosca-das-frutas e broca, na cultura da cebola foi informado a ocorrência de tripes e lagarta-rosada.